



# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli | ISSN 2316-1663 | V.2, N.1 | Jan. Jun. 2013

## A SOCIEDADE CARIOCA NOS CONTOS DE NELSON RODRIGUES



## CARIOCA SOCIETY IN NELSON RODRIGUES' SHORT STORIES

VALDEMAR VALENTE JUNIOR  
UFRJ, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 14/02/2013 • APROVADO EM 08/08/2013

---

### **Abstract**

---

The collection of short-stories named *A vida como ela é...*, by Nelson Rodrigues, as a picture of the suburban middle class of Rio de Janeiro in the fifties. The situations that involve sex and violence in the context of economic and social transformations of the Brazilian society. The decadence of the bourgeois moral inserted in that narratives like a continuity of the themes explored in his plays.

---

## Resumo

---

A coletânea de contos intitulada *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues, como um retrato da classe média suburbana do Rio de Janeiro nos anos cinquenta. As situações que envolvem sexo e violência no contexto de transformações econômicas e sociais da sociedade brasileira. A decadência da moral burguesa embutida nessas narrativas como uma continuidade dos temas explorados em suas peças.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Narrative. Society. Violence. Wedding. Adultery.

**PALAVRAS CHAVE:** Narrativa. Sociedade. Violência. Casamento. Adultério.

---

## Texto integral

---

Durante bem mais de uma década os contos de *A vida como ela é...* foram alvo da disputa de estudiosos e colecionadores a partir de duas primeiras edições conhecidas em coletâneas publicadas pela J. Ozon e pela Bloch Editores. Estas edições, ao desaparecerem das prateleiras dos alfarrabistas cariocas, estabelecem um enorme vazio. O lapso de tempo a que nos referimos só viria a ser reparado nos anos noventa, com a publicação de *A vida como ela é...* em dois volumes, pela Companhia das Letras.

No primeiro intervalo de sua aparição, que compreende a publicação pelos jornais *Última Hora* e *Diário da Noite*, e, mais tarde, de modo episódico, pelo *O Jornal* e pelo *Jornal dos Sports*, os contos receberam um tratamento desigual, passando da condição de tema do interesse momentâneo do público, ao lado das manchetes dos jornais, à de artigo de colecionador. Tudo faz crer que sobre as primeiras coletâneas publicadas pese a enorme carga de repressão que se abate sobre o país. Ainda que por diversas ocasiões Nelson Rodrigues tenha manifestado sua adesão ao regime militar, sua obra assume uma postura diametralmente oposta ao consenso de mediocridade e moralismo que se impôs ao teatro e à literatura pela ação da censura. Longe disso, autor polêmico de *Anjo negro* e *Perdoa-me por me traíres* seria ainda um dos primeiros escritores de renome censurado pela ditadura, que retira do mercado o romance *O casamento*.

Assim, para *A vida como ela é...*, o que poderia resultar em suposta benesse oficial repercute na má vontade deliberada sobre uma obra cuja publicação sofreria certo desdouro, por conta do silêncio dos anos de chumbo da repressão militar. A publicação pela Bloch Editores foi completamente esvaziada de importância. Nelson Rodrigues, por ser um escritor conhecido, não deixaria de ser publicado. No entanto, o brilho de sua estrela notar-se-ia com maior nitidez nas adaptações para o cinema de suas peças e contos. Ainda que com cortes, segundo os critérios pouco claros dos órgãos de censura, seus textos encontram no cinema

a popularidade de certo modo coibida no dado restrito à publicação em livro. A adaptação de *A dama do loteamento* se transformaria em estrondoso sucesso de bilheteria, o que reforçaria ainda mais o preconceito acerca da suposta falta de qualidade de seus contos, agora exibidos como uma releitura pornochanchada.

Passados os anos, com sua morte, o tempo foi capaz de lhe conferir a condição devida, para além do ranço ideológico ou do sentido popular das tragédias urbanas. Além de receber a atenção de uma série de estudos acadêmicos, suas peças teatrais, crônicas, romances e contos seriam devidamente republicados. No conjunto desses textos, a publicação de *A vida como ela é...*, em dois volumes, com seleção de Ruy Castro, traria de volta o contato do público com uma série de contos, alguns inéditos em livro. Assim, parece ter sido reparado um sintoma do esquecimento dos editores, repercutindo a publicação na produção de uma série de televisão de enorme audiência. Após ter sido programa de rádio, na voz de Procópio Ferreira, e encenado como peça teatral, *A vida como ela é...* segue adiante. Com cenas de erotismo, os contos de Nelson Rodrigues assumem espaço na televisão aberta, já livre dos rigores da censura leonina, inserindo-se no inconsciente coletivo e servindo-se da cultura de massas na explicitação de uma moral dilacerada, aos olhos do público, que tem seus lares invadidos pela adaptação televisiva.

Uma nova publicação de *A vida como ela é...*, com os cem contos já publicados pela J. Ozon, veio à luz através da Agir, seguida de *Elas gostam de apanhar*, já publicada pela Bloch Editores, além de *Não tenho culpa que a vida seja como ela é*, que reúne contos inéditos. Ainda a primeira edição dos contos escolhidos pelo autor é republicada pela Saraiva, em livro de bolso. Por fim, além desta mesma edição, mais uma coletânea de cem contos até então inéditos em livro é publicada pela Nova Fronteira. Diante disso, mostra-se a evidência do vigor desses textos como rascunhos da cultura carioca num determinado recorte de tempo, atendendo a um processo de euforia e depressão diante das promessas não cumpridas no âmbito de um capitalismo dependente.

O jornalista ambientado desde a infância às salas de redação desenvolve um filão da escrita que se agrega à vivência do cotidiano como argumento do que deve preencher as páginas dos jornais. Foi assim que, a convite de Samuel Wainer, proprietário do *Última Hora*, *A vida como ela é...* ganha o reconhecimento do leitor comum que se identifica com os dramas e preconceitos da classe média do subúrbio carioca. Os desvios de conduta de um núcleo social com pretensões a emergir confirmam os conflitos inerentes a um lugar a ser ocupado. Desprezados pelo suposto requinte das camadas situadas nos espaços abertos à burguesia litorânea, os suburbanos apegam-se ferozmente a valores morais que correspondem ao corpo e a seus signos de preservação, evidenciando os dilemas que envolvem a virgindade e o adultério.

As situações do cotidiano, que poderiam comportar o espaço de matéria policial, se configuram como prosa de ficção, ocupando-se de um viés que remete à influência que Nelson Rodrigues recebeu, ainda na adolescência, da leitura de escritores como Flaubert, Dostoiévski, Eça de Queirós e Machado de Assis. Sob a aparência do folhetim de segunda linha, a que propositadamente o escritor recorre, os contos de *A vida como ela é...* promovem o inventário dos oprimidos

pelo desejo, lançando mão de situações que invadem o limite do que pode ser aceito como referência do valor moral burguês que desmorona. Desse modo, o descumprimento do que possa representar a vontade mais legítima, numa faixa social de forte tendência autoritária, resulta em tragédia, para a qual não há remissão.

Como nas tragédias da Antiguidade, o preceito da ordem moral sofre um esgarçamento inesperado, o que repercute na instauração do princípio norteador de um clima adverso. Como ocorre em *Boca de ouro* e *Os sete gatinhos*, chamadas pelo autor de tragédias cariocas, um ambiente trágico apodera-se dos contos de A vida como ela é... dando vazão às situações já vistas no teatro que se reproduzem contos, obedecendo a uma espécie de estética da repetição de quem se define como um antigo refém de suas mais profundas obsessões.

### **A moral burguesa**

A partir do que se configurou como fulcro de sua obra, que no palco exploraria os dramas da pequena classe média e sua carga de preconceito, A vida como ela é... reitera um espaço de representação de suma importância ao entendimento do complexo jogo de tramas envolvendo as possibilidades de acesso ao labirinto da repetição rodrigueana. Os bordões e as frases feitas têm efeito junto ao público leitor como uma configuração própria da linguagem, o que se caracteriza no âmbito de sua presença na realidade do Rio de Janeiro, dos anos cinquenta e início dos sessenta, última estação de um tempo de apogeu, logo seguido pela efetivação de Brasília como capital do país.

O conto rodrigueano atua como um instantâneo que identifica parte expressiva das camadas médias na busca por equiparação ao plano das elites. Desse modo, o desejo de mudança ocorre quase sempre no âmbito de uma aparência que se mantém a um custo bastante elevado, se for pensado o sacrifício moral que envolve esse afã redentor. O adultério tem o papel de desagregar um status quo familiar, o que corresponde, no plano da moral burguesa, à preservação de um lugar de estabilidade que deve ser mantido a qualquer custo. A perda desse espaço, no entanto, representa a instauração de uma situação trágica, na medida em que as expectativas de classe são contrariadas de modo radical. Assim, a fidelidade conjugal conceitua-se como uma obsessão cujo descumprimento pode vir a resultar num forte impacto. No conto “Mausoléu” (RODRIGUES, 2012, p. 288-92), o marido descobre o adultério da falecida esposa ao constatar que as flores no túmulo que mandara erguer foram ali colocadas por um ex-amante, o que o faz destroçar a golpes de picareta os querubins de mármore do monumento à morte.

Os conceitos tradicionais encrustados no cerne da família dão lugar à falência de um modelo de que Nelson Rodrigues se serve sem alterar em nada o diapasão de comportamento como um princípio de aparente normalidade. Tudo parece transcorrer de maneira inequívoca, como se as situações se repetissem em seu aspecto comum. Essa aparente banalidade é o ponto de partida de um sistema de erros que se sucedem em cascata, propiciando a quebra do rigor moral que atira os personagens num lodaçal onde chafurdam para sempre. Como exemplo, o conto

“O escravo etíope” (RODRIGUES, 2012, p. 16-20), quando se descobre que a jovem de saúde frágil, que adia o casamento, é amante de um motorista de ônibus que no carnaval desfila num rancho fantasiado de escravo etíope. A máscara social é desvendada de modo a se reconsiderar a situação através de um arranjo que propicia o rompimento do pacto inicial, o que ocorre a partir do casamento da jovem burguesa com o motorista que desfila com o torso nu, agora também o mais novo membro da família.

Nesses contos, quando os arranjos tendem a atuar como um sucedâneo à quebra de um pacto, quase sempre buscam uma reparação de modo canhestro, como se a emenda fosse ainda pior do que o soneto, o que serve para denunciar a volubilidade e a fragilidade dos valores das camadas sociais apenas preocupadas com a aparência. Ao denunciar o litígio entre os valores da moral e os apelos do desejo físico, a vida como ela é... evidencia uma prática sem retorno no âmbito da emergência social que de forma equivocada busca a reparação de uma situação de classe. Numa referência ao conceito clássico, “a tragédia toma como objeto o homem em seu debate interior, coagido a fazer uma escolha irreversível, a orientar sua ação num universo de valores ambíguos.” (RIBEIRO, 1980, p. 38). Desse modo, o conto “Os noivos” (RODRIGUES, 2012, p. 359-63), mantida a estabilidade moral da família, o amor entre o sogro e a nora, de cuja gravidez resulta o assassinato do ex-namorado da moça, é seguido do suicídio do noivo, sendo que seu descontrole mascara a imputabilidade dos culpados, aliada da morte como julgamento do absurdo que ganha foros de realidade.

O retrato que Nelson Rodrigues pinta da sociedade suburbana atende às expectativas de uma cidade que por muito tempo centralizou parte expressiva das expectativas de um desejo simbólico. A repercussão dos acontecimentos no Rio de Janeiro tende a ganhar um escopo de notoriedade que contagia o país. Em vista disso, a repercussão desses contos tem como resposta a identificação do público com os dramas de que supostamente poderiam ser protagonistas. O tédio da vida conjugal que se arrasta no tempo, a partir da ingerência da família nos assuntos domésticos, dá o tom da sensação de fracasso que se apodera dessas relações. O aprisionamento às convenções do ambiente de trabalho, além das limitações do convívio familiar, num plano de relacionamento esmagado por forte carga de preconceito, faz como que os atores desse teatro busquem aventurar-se em outras esferas, inserindo em suas vidas o inusitado de situações transgressoras da ordem moral.

Mais ainda, a distinção entre classes aprofunda uma espécie de complexo a que quase sempre os personagens se veem escravizados, não sendo possível romper a barreira que delimita esse lugar. Desse modo, os suburbanos agarram-se ferozmente a uma série de verdades que se esvanecem na dinâmica dos fatos. A dissolução que se apodera dos personagens à deriva constitui-se na matéria-prima desses contos. Em verdade, identifica-se no conjunto da obra de Nelson Rodrigues uma circularidade que nos impossibilita de saber onde acaba o teatro e tem início o conto, ainda estendendo-se à crônica e ao romance. Tudo parece fazer parte de uma conjuntura, por vezes desarmônica, mas que tem em seus componentes a possibilidade de um encaixe que lhe confere sentido. Assim, o conto do jornal

popular ganha o contorno trágico de alta literatura, mantendo-se na aparente condição de folhetim seu sentido de grandeza:

[...] Mas, a par de sua atuação como autor teatral, Nelson exerceu sempre uma incansável atividade como escritor e jornalista, da qual resultaram romances-folhetins e comentários esportivos que apesar de despertarem grande interesse de público eram desprezadas como obras ligeiras e/ou de interesse comercial. Com a redescoberta do autor pela crítica universitária, a partir da década de 1980, essas obras passaram a ser cotejadas pari passu com o restante de sua obra dramaturgica considerada séria. (CHIARA, 1998, p. 17-18).

O sucesso desses contos em nada impede que neles se situem ensaios ligeiros da tragédia humana muitas vezes aproveitada na cena teatral. No conto “A mulher do próximo” (RODRIGUES, 2012, p. 424-27), a humilhação pública confirma-se como possibilidade dos oprimidos reagirem à bofetada ou ao cuspe no rosto, respostas à ignomínia com que se revelam os desvios de caráter, configurando-se o rompimento da amizade ou da confiança devotada. O desmascaramento com que o marido denuncia ao amante de sua própria mulher ter ciência do caso pode resultar tanto numa ação violenta quanto na cobrança de uma postura de submissão do outro, por não poder dar conta do drama real. Certos contos colocam em evidência, mais que a vingança marcada pela violência, o exercício lento da degradação interior que se aplica a ações de natureza sadomasoquista levando a vítima ao aniquilamento moral. Mesmo desmoralizados por seus algozes, as vítimas, quase sempre acusadas de adultério, submetem-se à condição de subjugação como marca da opressão que caracteriza as relações de poder.

Os laços que unem os personagens muitas vezes tangenciam a loucura, querendo transparecer serem estes dominados por obsessões a cujo descumprimento resulta a morte como forma de expiação. No conto “O inferno” (RODRIGUES, 2012, p. 11-15), o filho obcecado pela mãe, ao vê-la sofrer com o abandono do amante, procura-o, implorando que volte para ela, atirando-se em seguida debaixo de um ônibus em alta velocidade, na medida em que nada se nega a quem vai morrer. O cumprimento dessas promessas, por mais descabidas que se apresentem, denuncia um tipo de pacto de cunho moral a que se compromete a honra, mesmo que para tanto se tangencie uma situação limite. Esses filhos alucinados, maridos possessivos ou esposas obceadas são os detentores de um preceito moral para o qual não há como serem descumpridos seus ditames mais rigorosos. Os seres humanos são ao mesmo tempo réus e juízes, num universo em que a compaixão cede lugar à crueldade.

### **Amor e morte**

O modelo de sociedade patriarcal propiciava uma série de obstáculos à representação da mulher como mantenedora dos valores da família. Nessa ordem,

temas como a virgindade ganham a forma de polêmica sobre a qual recaía todo o ônus do preconceito social para o qual o casamento como modelo institucional estaria comprometido. Essas afirmações, no entanto, se atêm a um recorte de tempo que corresponde ao surgimento e ao fim da publicação em jornal dos contos de *A vida como ela é...* O conto investe-se da condição essencial do julgamento que condena a transgressão dos tabus corporais punindo-a violentamente. Por isso, não há perdão para o crime de transigir aos apelos do corpo no que essa atitude pode representar como forma de desestruturar a ordem social e familiar.

A desagregação e a promiscuidade estabelecem laços insolúveis entre o amor e a morte, sobretudo quando se colocam em questão a os interesses de ordem pessoal que contrariam os valores intuídos pelo ciúme e pela traição. No conto “A missa de sangue” (RODRIGUES, 2012, p. 52-56), isto fica patenteado quando o viúvo mata a tiros o amante de sua mulher, após a missa de sétimo dia. As dívidas do corpo, que acabam por desestruturar a ordem do casamento, tendem a ser resgatadas com o preço do sangue. O corpo como depositário do desejo é punido sem compaixão. O valor do casamento é inquestionável. A sociedade, mesmo que decaída, predica pela manutenção de um anteparo que não se sustenta. Assim, no conto “A coroa de orquídeas” (RODRIGUES, 2012, p. 335-39), a revelação do adultério surpreende a viúva quando, no velório, chega uma coroa enviada pela amiga que se tornara amante de seu marido.

A morte, portanto, acompanha Nelson Rodrigues desde muito cedo, quando seu irmão Roberto foi assassinado em sua presença, na redação do jornal *Crítica*, de propriedade de seu pai. A bala que lhe tirou a vida permaneceria intronando-se no destino do escritor. Por sua vez, o episódio funesto criaria em Nelson Rodrigues um sentimento de absoluto respeito pelos mortos, revelando em suas memórias que se negara a dormir ao lado do irmão assassinado. “O dramaturgo não esconde que o sentimento de pessimismo e de absurdo se fincou nele a partir do assassinato do irmão”. (MAGALDI, 1987, p. 68). A obsessão da morte teria lugar cativo na obra rodrigueana. No conto “Agonia” (RODRIGUES, 2012, p. 21-26), a esposa de saúde frágil, depois de contrair uma febre alta, às portas da morte, pede ao marido para não ser enterrada, e os vizinhos vão encontrá-lo diante do cadáver putrefato da insepulta. A paixão matrimonial determina de que modo o amor e a morte se unirão num termo final.

O transe que se verifica como desenlace narrativo corresponde à urgência que esses textos têm como fixadores de uma conjuntura a que só a relação da literatura com o fazer diário do jornalismo pode configurar. A expectativa do leitor de *A vida como ela é...* recai sobre a possibilidade do drama não vir a atingi-lo, eximindo-o de uma possível condição de igualdade que o filie à insânia e ao paroxismo que os personagens desses contos apresentam. O sentimentalismo cristão por vezes conflita-se com os instintos perversos como se a capa de pureza que cobre a perversão se desnudasse colocando a verdadeira expressão do que cada um de fato é. Além disso, a cena narrativa ambienta-se aos espaços do trabalho e do lar, onde se ganha e se desfruta a vida. Por isso, os conflitos ocorrem no meio onde as relações, por força da necessidade de sua continuação, se organizam. Os contos de *A vida como ela é...*, no entanto, operam uma desestruturação do status quo que, aos moldes da tragédia clássica, coloca o

homem diante da impossibilidade moral, a que este acaba por transgredir, efetivando um processo de catarse.

O conflito entre o amor e a morte decorre do descumprimento de um plano previamente instituído na esfera das relações, para as quais implica o fato das partes abdicarem de toda a carga erógena, cedendo à ordem de um equilíbrio que afastaria qualquer possibilidade desviante. Desse modo, os artifícios da sedução concorrem para que a infidelidade situe-se como um emblema e represente uma nódoa irremovível. A obediência aos desígnios do corpo exclui a possibilidade da convivência vir a ser uma espécie de freio aos impulsos incontidos. Por conta disso, as relações caem em desgraça, aprofundando a condição relativa ao desajuste da ordem como premissa da extrema maldade no comportamento dos personagens. Nesses contos, o modelo sobre o qual se funda a conduta das camadas médias, em alguns casos, não tolera o descumprimento do voto de fidelidade conjugal que baliza o casamento como instituição cristã.

O desafio de descumprir valores numa sociedade como a nossa, em *A vida como ela é...*, atravessa incólume a fúria do tempo. O pós-guerra, de algum modo, implantou no país condições de crescimento e modernização que nos levaram a sonhar com bens de consumo até então inacessíveis à pequena classe média. Assim, a ambição das camadas em ascensão, ainda que com marcas de um puritanismo profundo, atende à sedução exercida pelos modelos em voga. A intensa propaganda despejada no país assume o papel de orientar novas formas de comportamento, sobretudo no que a juventude representa como nicho de consumo e regra do capitalismo em transformação:

Encontramos na obra rodriguena não só uma visão sobre o Brasil, mas também a partir do Brasil sobre o resto do mundo. O comportamento de massa se aprende – mas ele não começou aqui. Visto da periferia, é o mundo desenvolvido em sua totalidade que está sob julgamento. Nelson Rodrigues vê o desenvolvimento em bloco: “O desenvolvimento é a agressividade, a angústia, a mania de grandeza, o ódio, e, ainda, a guerra interna e externa, a mania homicida, o inferno sexual, a morte da alma”. (DRUCKER, 2010, p. 253-54).

O sentido conservador que predomina choca-se com as novidades culturais que interferem diretamente sobre uma faixa da população sequiosa por sair de seu lugar e galgar outras posições, não importando o meio através do qual isto se efetive. As relações sem expectativas de mudança, que esbarram na impossibilidade de um salto em direção a outro nível de vínculo, sugere a experiência extraconjugal, de onde decorrem situações de violência. No conto “Pecadora” (RODRIGUES, 2012, p. 118-22), o entrelaçamento amoroso com a cunhada, com quem outro homem se envolve, para a manutenção das aparências, promove a estabilização do que poderia significar uma situação de perigo. Em determinados contos o assunto tangencia uma promessa de equilíbrio que efetive uma real condição de se desfrutar de tranquilidade, contrariando o desfecho trágico.



Portanto, no que se refere à interferência de fatores externos inusitados, vários agentes agravadores atuam nos conflitos familiares. Personagens circulares afirmam-se a cada instante, repetindo-se. No conto “Cheque de amor” (RODRIGUES, 2012, p. 220-24), a moça incorruptível, fiel ao noivo, rasga um cheque de cem mil cruzeiros e o atira ao rosto do chefe que tenta corrompê-la, para depois, livre do peso do dinheiro, beijá-lo com forte desejo. O amor consegue superar o obstáculo do dinheiro como objeto de subversão de valores, mostrando-se livre de seus grilhões na plenitude de um desejo que por isso mesmo torna-se manifesto. A sedução da riqueza como agente da superação de uma situação de classe é esmagada, o que denuncia a posição dessas mesmas classes, a partir do dinheiro, sobre as demais. Por sua vez, o desejo físico manifesta-se com toda a sua carga de transgressão a partir do momento em que sua compra é neutralizada pelo cheque rasgado e devolvido.

As situações oscilantes entre o amor e morte, que tanto impressionaram o menino, após a mortandade provocada pela gripe espanhola, a que se sucederam, no ano seguinte, durante o Carnaval, excessivas manifestações de luxúria, canções pornográficas e fantasias obscenas, acompanhariam o escritor adulto na elaboração de sua obra. Para o teatro como para a narrativa, o desvirtuamento de um preceito moral do objeto amoroso, a que a sociedade tanto parece preservar, repercute na expiação para a qual tem efeito o remédio da morte.

### **O sexo dos anjos**

O princípio da maldade situa-se na condição humana como base que permeia os contos de *A vida como ela é...*, dando margem à desagregação da sociedade. A inveja, o ciúme, a vingança são formas de atuação de que seus personagens lançam mão para dar vazão a uma ordem do desejo reprimido que oscila entre o crime e a inocência. Perversões de todos os tipos concorrem para que haja uma demonização de personagens de aparência inofensiva que repentinamente assumem posições desviantes. No conto “O netinho” (RODRIGUES, 2012, p. 451-55), o marido apresenta outro homem a sua mulher para que este possa suprir sua incapacidade de gerar filhos, uma vez que seu sogro, prestes a morrer, deseja ter um neto, e por isso pressiona o casal. O amor que cada ser inspira a outro ser é colocado no rol das coisas comuns que se materializam, podendo ser adquiridas no mercado dos bens vendidos no varejo. A necessidade do amor como um valor acima de qualquer outro decai na cotação de suas ações em baixa, uma vez que os apelos do corpo lhes suplantam. Amar seria poder render-se à inocência perdida, quando anjos e demônios se enfrentam na luta pelas rédeas do poder.

Os contos de *A vida como ela é...* partem do sentimento de diversidade que perpassa a condição mediana da convivência. Os estereótipos do gosto comum e a limitação da carga de desejos induzem a existência de um plano de perspectivas que atende a quase todos. No entanto, esse mormaço antecede a ventania, na medida em que os dramas individuais se revelam, caracterizando exatamente a ideia de um alvo a ser atingido. O ponto alto dessa situação muitas vezes é protagonizado por alguém que aparentemente não reúne as condições necessárias

à execução de atos de maldade e vingança. No conto “O gato cego” (RODRIGUES, 2012, p. 459-63), o filho mimado, que queria ser veterinário quando crescesse, cuidava dos cães e gatos encontrados nas ruas. Levado pelo pai à ideia de que deveria ser um psicanalista, cega, com um cigarro aceso, o olho de uma paciente que havia feito o mesmo com um gato. Assim, a aparente passividade do jovem submetido à ação da família dominadora converte-se em violência e loucura.

No conto “A criança alheia” (RODRIGUES, 2012, p. 185-89), o marido estéril assume sua incapacidade aceitando como seu o filho gerado pela esposa que o trai. As fraquezas humanas tendem a se acomodar à impossibilidade de reação, ocasionando uma situação que se conforma aos contornos de como a vida se apresenta. Os fracos sucumbem sem reclamar ao que o destino lhes impõe. A essa inação corresponde o pulso forte dos que assumem posições e determinam o rumo das coisas. A submissão à personalidade do outro denota um sintoma de impotência física ou moral de que Nelson Rodrigues se aproveita com extrema habilidade para estampar na imprensa o drama da classe média. Ao afirmar que suas peças deveriam ser encenadas nas escolas, ao invés de debochar da sociedade, pelo contrário, enfatiza um sistema moral em crise:

A sexualidade constitui um reduto, sem dúvida, dessas energias. Como tal, ao mesmo tempo que contribui para o equilíbrio da sociedade, também a coloca em risco – daí haverem sempre sido tão rigorosas as medidas para controlá-la. Por outro lado, está ainda para ser realizada uma investigação de amplitude sobre as ligações mais profundas entre opressão e repressão sexual. (LINS, 1990, p. 56).

No conto “O amor dos filhos” (RODRIGUES, 2012, p. 239-43), a jovem se apaixonou por um homem que pode ser seu pai, com quem tem dois filhos. No entanto, o marido, que dorme num quarto separado, torna-se amante da babá, que por sua vez tem a preferência dos filhos, quase indiferentes à própria mãe. Daí tornar-se impossível expulsar a intrusa, que acaba por assumir o lugar de mãe e esposa. Diante da completa inversão de lugares na ordem familiar, o casamento se constitui numa farsa para a qual concorrem personagens em absoluta discrepância. No entanto, a distinção entre o homem velho e a mulher jovem resulta em prejuízo para a última, numa inversão das expectativas do casamento com um homem que em pouco tempo estaria senil, enquanto a mulher viveria o melhor de sua juventude. O sexo, por sua vez, que pode aparecer como um interdito, dada a condição que se estabelece entre o casal, confirmando-se como um elo de ligação que em seguida se desprende, resultando em prejuízo para quem parecia dominar as ações. A maneira pela qual a situação se configura indica a surpreendente mudança de papéis que caracteriza de modo insofismável a galeria dos personagens rodrigueanos.

As formas do amor manifestam-se no que cada uma pode representar como expressões da fidelidade e do adultério. No conto “O pediatra” (RODRIGUES, 2012, p. 364-67), a esposa entrega-se por dinheiro, sendo o próprio marido o

responsável pelo agenciamento dos encontros, bem como pelo estabelecimento dos preços. Assim, a esposa fiel aos olhos do amante irá cometer uma traição conjugal pela primeira vez, o que funciona como um fetiche, quando em verdade nada do que ele pensa é real. Por conta dessa ordem de conflitos, o conto publicado em jornal alimenta-se do retorno que o público lhe oferece como um reflexo daquilo com que se identifica. O pensamento desviante concorre para atizar a centelha do desejo de transgredir, indo de encontro à formulação de um estatuto do comportamento que acaba por ser radicalmente rejeitado. Por outro lado, o amor apresenta-se em sua verdade mais plena, mesmo quando seu escopo envolve um ato de maldade. Amor e ódio são faces de uma mesma moeda, querendo significar expressões de sentimentos afins.

Ao contemplar os contos de *A vida como ela é...*, o público contradiz a suposta maldade embutida nos textos para que se verifique a quebra de uma tensão de cunho moralista em favor da aceitação sem restrições desses contos veiculados pela imprensa de alcance popular. Não há nada que possa representar qualquer tipo de represália do leitor aos textos. No entanto, quando o caráter obsceno da obra rodrigueana apresentou-se ao julgamento de um público de perfil mais seletivo, acostumado a frequentar teatros, a situação modificou-se. Sobre as peças de teatro, se as considerarmos como um embrião dos romances e contos, “Nelson Rodrigues destaca-se do conjunto dos dramaturgos brasileiros pelo ineditismo e originalidade na abordagem de temas contundentes”. (PEREIRA, 1998, p. 18). Por isso, algumas de suas peças encontraram graves entraves para ir ao público, esbarrando no rigor da censura como no preconceito da plateia, que se sentiu insultada. *Anjo negro* foi censurada para pouco depois ser exibida e *Perdoame por me traíres* causou fúria e indignação a quem não admitiu a hipótese de ser identificado com os desvios da miséria moral mais abjeta.

No entanto, o que pode aparentar-se a um quadro de profunda degenerescência por vezes ratifica a situação de jovens mulheres em processo de descoberta dos apelos do corpo, caotizando as relações com pessoas próximas à família, a exemplo de primos e cunhados. No caso específico dos cunhados, o ato da traição parece fascinar os personagens possuídos pelo desejo de violar as regras do jogo moral, ferindo a ordem familiar em seu seio. No conto “*Diabólica*” (RODRIGUES, 2012, p. 350-54), as irmãs, na condição da disputa natural que se instaura entre as mulheres, acabam por desejar o mesmo homem, o que gera uma situação extremamente conflituosa e culmina no assassinato da competidora pelo cunhado. Nesse aspecto, a sociedade mostra-se impiedosa, quando a irmã traída beija com fúria o noivo que se entregara à polícia, agradecendo-lhe por ter matado a irmã e rival. Assim, a cunhada, quase uma criança, torna-se um monstro diabólico que manipula os desejos do cunhado que a mata em ato de desespero.

Nelson Rodrigues atribui a certos personagens a responsabilidade da perversão a partir de situações aparentemente inesperadas. Os anjos acabam mutilados, o amor converte-se em ódio, a pureza é a porta de entrada do desvio e do pecado. Criaturas de aspecto inocente assumem patologias degradantes, seduzindo homens velhos, roubando maridos às amigas, cometendo assassinatos com uma carga elevada de torpeza e crueldade. Os atos perpetrados pela rivalidade obedecem ao instinto perverso como uma condição inerente à própria situação dos

seres humanos diante dos revezes da vida. Todos são absolutamente maus, num mundo desprovido de virtudes. O desejo de competição acaba por tornar destrutivos os sentimentos, em manifestações que são acolhidas no âmbito da normalidade. O vício não conhece a virtude, sendo todos, sem distinção, cúmplices do crime comum de se viver a vida como ela é.

Assim, a torpeza de caráter não escolhe um perfil humano determinado para poder dar vazão ao que lhe caracteriza. Na pureza esconde-se o criminoso, cuja imagem jamais seria ligada à maldade, uma vez que as manifestações malignas estão ocultas sob a capa de uma estrutura social que a qualquer momento pode vir a mostrar sua face verdadeira. Por conta disso, os anjos demonizam-se diante de possibilidades de surpresas advindas do inesperado, onde se refugia a verdade e o mistério das coisas do mundo.

---

## Referências

---

- CHIARA, Ana. **A paixão do escândalo: Nelson Rodrigues, o homem que chora por um olho só**. Range Rede. Rio de Janeiro, UFRJ, n. 4, 1998.
- DRUCKER, Claudia. **A palavra nova: o diálogo entre Nelson Rodrigues e Dostoiévski**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.
- LINS, Ronaldo Lima. **Violência e literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- MAGALDI, Sábado. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1987.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. **A musa carrancuda: teatro e poder no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. **“Catarse e sublimação: a violência conservadora”** In: A Violência na literatura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- 

## Para citar este artigo

---

VALENTE, Valdemar Junior. A sociedade carioca nos contos de Nelson. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 146-158.

---

## O Autor

---

Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ; Inscrito no programade Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ; palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira.